

Guardiões da biodiversidade de abelhas sem ferrão

Luis Fernando Wolff

Roni Bonow

Fabio Mayer

Guilherme Schnell e Schühli

Eduardo Reis Souto Mayor

No Brasil, a criação de abelhas sem ferrão, as meliponíneas (Hymenoptera: Apidae: Meliponini) começou bem antes do século 17, muito anteriormente à introdução da espécie *Apis mellifera*, as abelhas com ferrão, pelos imigrantes europeus. Muito antes do mel de abelhas melíferas ser provado em nosso país, os brasileiros da época, nativos e imigrantes, já conheciam os produtos das abelhas sem ferrão, também conhecidas por abelhas indígenas. Porém, para além da produção de mel, as abelhas possuem importância econômica associada à polinização de diversos cultivos e espécies nativas. Mas, especialmente no Hemisfério Sul, ocorre um declínio de polinizadores associado ao aumento da supressão de áreas nativas, com a falta de locais para nidificação, expansão de áreas agrícolas e das cidades, como também o uso inadequado de práticas agrícolas, como o uso de diferentes agrotóxicos (ou defensivos agrícolas).

Com o advento da meliponicultura (Figura 10), ou seja, a criação de abelhas sem ferrão, no Brasil passou-se a manter e a manejar essas abelhas sociais em caixas de diferentes modelos, rústicas, semimanejáveis ou manejáveis (racionais). As caixas, geralmente de madeira ou de barro, propiciam às abelhas abrigo contra predadores, intempéries e variações de temperatura, e propiciam aos meliponicultores e meliponicultoras um certo controle na sobrevivência e na produção das colônias. As caixas semimanejáveis possibilitam melhor colheita de mel, com mais qualidade e higiene, enquanto que as caixas racionais permitem, sem prejuízo às colônias, diversas formas de manejos, como limpeza, alimentação e divisões, além de colheitas com qualidade e produtividade.

Foto: Luis Fernando Wolff



Figura 10. Meliponários em propriedades de agricultores familiares contribuem para a conservação da biodiversidade de abelhas sem ferrão nativas do Brasil.

As caixas racionais podem ser agrupadas em três categorias: de corpo único, com alças verticais e com alças horizontais. Atestam que, associada à grande diversidade biológica das abelhas sem ferrão, também uma rica e positiva diversidade cultural ocorre entre os meliponicultores, com frequência integrantes da agricultura familiar ou de comunidades tradicionais nas zonas rurais do Brasil. Com a consolidação da meliponicultura no Brasil, as colônias de abelhas sem ferrão passaram a ser preservadas, mantidas junto das casas, protegidas e multiplicadas. Tornaram-se objetos de coleção, de estudo, de motivação pessoal e orgulho por parte dos meliponicultores e meliponicultoras.

A meliponicultura é atividade econômica de importância crescente em sistemas de produção familiar de base ecológica, pois garantem a polinização dos cultivos, produzem alimentos para as famílias rurais e urbanas, favorecem a inclusão social e a geração de renda e contribuem com o serviço ambiental da polinização. As meliponíneas são um grupo de abelhas sociais produtoras de mel, passíveis de manejo e criação intensiva, com a vantagem de serem nativas do Brasil, onde apresentam grande dispersão e variedade de espécies. Na América estão catalogadas mais de 400 espécies, com 24 dessas registradas como de ocorrência no Rio Grande do Sul, estando 3 delas sob ameaça de extinção, conforme Witter e Nunes-Silva (2014).

Seu uso para a polinização dirigida de cultivos se mostra especialmente adequado na agricultura familiar, pois em sua maioria são espécies dóceis de abelhas, de fácil integração em sistemas produtivos e próprias para pequenas áreas e para cultivos protegidos. Suas colônias são perenes e podem ser transportadas, inspecionadas, multiplicadas e manejadas para produção de mel e outros produtos apícolas.

A meliponicultura induz a uma sensibilidade ambiental quanto ao manejo cuidadoso e respeitoso dos ecossistemas, o que é considerado um *ethos* ocupacional de autorrespeito vinculado à criação de abelhas. Na história da humanidade, a agrobiodiversidade e a diversidade cultural sempre caminharam juntas, par e passo, em processo permanente de coevolução e biodiversidade cultivada. Nesse sentido, devemos reconhecer que o sucesso na conservação da biodiversidade depende não somente do conhecimento científico, mas também dos conhecimentos tradicionais e das identidades afetivas e culturais. Aqui entram os meliponicultores e meliponicultoras como guardiões da biodiversidade no campo das abelhas sem ferrão, conectando o uso sustentável e agroecológico dos recursos naturais com a conservação ambiental.

Referências

WITTER, S.; NUNES-SILVA, P. **Manual de boas práticas para o manejo e conservação de abelhas nativas (meliponíneas)**. Porto Alegre: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, 2014.